

A METAFÍSICA DA VONTADE EM SCHOPENHAUER

ISAAC DE SOUZA NASCIMENTO¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a concepção de Arthur Schopenhauer acerca da Metafísica da Vontade, que nos expressa, de forma significativa, às ideias-chave de sua filosofia. Analisaremos aqui, como o sujeito cognoscente constitui a condição universal de todo objeto e o papel preponderante do corpo na descoberta do aspecto essencial do mundo, identificado por Schopenhauer como sendo a Vontade, a essência íntima de cada fenômeno, a manifestar-se nos diversos reinos da natureza e da vida, através dos seus sucessivos graus de objetivações.

Palavras-chave: Sujeito cognoscente. Corpo. Vontade.

The metaphysics of will in Schopenhauer

Abstract: *This article has the objective of analyze the conception of Arthur Schopenhauer about the Metaphysics of Will, which expresses, in a signative way, the main ideas of his philosophy. We analyze here, how the cognoscente subject constitutes the universal condition of all objects and the important role of the body in the discovery of the essential aspect of the world, identified by Schopenhauer as the Will, the intimate essence of each phenomenon, manifesting us various kingdoms of nature and the life, through by its successive degrees of objectivations.*

Keywords: *Cognoscente subject. Body. Will.*

¹ Pós-graduado em Filosofia da Educação, pela Faculdade Católica Rainha do Sertão (FCRS). E-mail: isaac-isn@hotmail.com

Introdução

A filosofia de Arthur Schopenhauer (1788-1860)² realizou uma mudança radical com relação à tradição filosófica antecedente, pois ela colocou em segundo plano à primazia da razão como sendo a legisladora e o princípio ordenador do mundo. Desde os gregos antigos, a filosofia expressou grande confiança no poder da razão, depositando na racionalidade cósmica uma ordem inteligente que rege e conduz as leis naturais do universo. No entanto, contrariando este posicionamento, a filosofia schopenhaueriana se desenvolveu na reflexão acerca do irracional, isto é, ela parte da ideia de que o princípio de onde todas as coisas emanam, a Vontade, a coisa-em-si do mundo, não possui nenhum fundamento ou razão.

Para Schopenhauer, a Vontade é uma força cega e dinâmica, de onde surgem todos os reinos da natureza, desde os rudes e simples minerais até a mais perfeita de suas objetivações, o homem. Noutras palavras, a Vontade é entendida como um *princípio metafísico*, sem finalidade ou objetivo, uma força volitiva e insaciável, que se firma nas diversas camadas da natureza e da existência em geral.

Neste artigo, analisaremos a concepção de Schopenhauer acerca da Metafísica da Vontade, partindo de algumas ideias fundamentais de sua filosofia, referentes à teoria do conhecimento e à distinção entre o mundo como representação e como coisa-em-si, para que dessa forma, possamos compreender à maneira pela qual Schopenhauer concebeu a natureza como uma guerra perpétua e incessante pela existência, isto é, como um reflexo da autodiscordância essencial da Vontade no mundo.

1. O mundo como representação: o sujeito cognoscente como condição universal de todo objeto

Schopenhauer parte da distinção elaborada por Immanuel Kant (1724-1804), que na obra *Crítica da razão pura*, considerou o mundo sob dois aspectos: como fenômeno e como coisa-em-si³. Porém, Schopenhauer operou uma

² Para detalhes sobre a vida e a obra de Arthur Schopenhauer, conferir a obra *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia*, de Rüdiger Safranski. Tradução: William Lagos. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

³ Na filosofia kantiana, o fenômeno é justamente aquilo que se constitui como limite e condição do nosso conhecimento. Para Kant, não podemos conhecer o mundo como coisa-em-si, isto é, como realidade essencial de todo fenômeno, pois ele é inacessível ao entendimento humano. Tal realidade, por assim dizer, escapa aos nossos sentidos, é incognoscível à razão, porque tudo aquilo que conhecemos do mundo é somente os fenômenos e não aquilo que cada coisa é em si mesma. Urbano Zilles nos explica que o nosso

mudança considerável no diz respeito ao segundo aspecto, pois ele identificou a coisa-em-si como sendo a Vontade. Segundo filósofo, o mundo no seu primeiro aspecto (fenomênico) é justamente aquele que é representado como forma de apreensão do sujeito cognoscente, ou seja, é o mundo ordenado e submetido ao princípio de razão⁴. Já o segundo aspecto, como coisa-em-si, o mundo não é somente um objeto para o sujeito que o representa, mas ele também possui um *em-si*, uma essência que se encontra fora do âmbito representativo.

Schopenhauer concebeu o mundo enquanto representação somente como objeto em relação ao sujeito cognoscente, já que todo objeto “que pertence e pode pertencer ao mundo está inevitavelmente investido desse estar-condicionado pelo sujeito, existindo apenas para este”⁵. Assim, o mundo no seu aspecto representativo, no qual estão situados todos os objetos de nossa intuição, firma sua existência apenas com relação ao sujeito. É exatamente nesta perspectiva, que o sujeito cognoscente é considerado por Schopenhauer como sendo o sustentáculo do mundo e a condição universal e sempre pressuposta de todo objeto existente.

Contudo, não devemos com isso pensar que Schopenhauer tem como pretensão fazer do objeto um efeito do sujeito, porém, tal posicionamento procura demonstrar que o mundo como representação possui duas metades indissociáveis e necessárias uma da outra, o sujeito e o objeto, e que estas estão ligadas diretamente à noção de representação.

O sujeito e o objeto são conceitos correlatos e inseparáveis, uma vez que, a existência de um pressupõe necessariamente a existência do outro. O sujeito não deve ser pensado sem a presença do objeto, da mesma forma, que o objeto não deve ser concebido sem que haja um sujeito para conhecê-lo. Eis por que, Schopenhauer nos afirma que o mundo enquanto representação se constitui dessas duas metades inseparáveis:

conhecimento, para Kant: “[...] está vinculado à percepção. Só vale de fenômenos da experiência possível. Só o audível, o visível e o sensível podem ser interpretados pelo entendimento de maneira espaciotemporal [...]. As concepções humanas não conseguem referir-se a algo além dos fenômenos singulares, que constitua sua essência”. (ZILLES, 2005, p. 88).

⁴ “O princípio de razão é uma função do entendimento, baseada nas *formas a priori* do conhecimento: o espaço, o tempo e a causalidade. Por meio destas conhecemos os objetos do mundo apenas em sua condição de fenômeno, não como eles são em si”. (BARBOZA, 2003, p. 23).

⁵ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução: Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005, p. 44.

[...] mesmo para o pensamento: cada um existe com a outra e desaparece com ela. Eles se limitam imediatamente: onde começa o objeto, termina o sujeito. A continuidade desse limite mostra-se precisamente no fato de suas formas essenciais e universal de todo objeto – tempo, espaço e causalidade – também poderem ser encontradas e complementemente conhecidas partindo do sujeito, sem conhecimento do objeto, isto é, na linguagem de Kant, residem *a priori* em nossa consciência⁶.

Assimilada essa correlação indispensável entre o sujeito e o objeto no campo da representação, é preciso compreendermos como este mesmo sujeito cognoscente apreende o mundo a sua volta, ou seja, o processo pelo qual se constrói o conhecimento humano.

De acordo com Schopenhauer, a representação do mundo material, empírico, é tudo aquilo que aparece ao sujeito cognoscente como figura (imagem) para o entendimento. Porém, a noção de representação não revela nela mesma a sua essência, aquilo que ela é em si. É exatamente por esse motivo, que Schopenhauer concebe a realidade representativa do mundo como uma aparência, uma ilusão, *véu de Maia* da realidade exterior⁷. Isso não significa dizer, no entanto, que Schopenhauer nega a existência do mundo empírico, do qual estamos em contato através dos nossos sentidos e do nosso entendimento, mas que os objetos da realidade exterior não revelam neles mesmos o seu verdadeiro ser, aquilo que cada um é em sua essência.

Desse modo, para que possamos ter a posse acabada dessa figura em nosso entendimento, faz-se necessário um processo intelectual para elaborá-la⁸. Tal processo tem como auxílio às formas universais de todo objeto (tempo,

⁶ Ibidem, p. 46.

⁷ “O essencial dessa visão é antigo: Heráclito lamentava nela o fluxo eterno das coisas; Platão desvalorizava seu objeto como aquilo que sempre vem-a-ser, sem nunca ser; Espinosa o nomeou meros acidentes da substância única, existente e permanente; Kant contrapôs o assim conhecido, como mero fenômeno, à coisa-em-si, por fim, a sabedoria milenar dos indianos diz: “Trata-se de MAIA, o véu da ilusão, que envolve os olhos dos mortais, deixando-lhes ver um mundo do qual não se pode falar que é nem não é, pois assemelha-se ao sonho, ou ao reflexo do sol sobre areia tomado a distância pelo andarilho como água, ou ao pedaço de corda no chão que ele toma como serpente””. (Ibidem, p. 49).

⁸ “Toda intuição é intelectual. Sem a inteligência, não haveria intuição alguma, nenhuma percepção de objetos. Tudo se limitaria à simples impressão, poderia, no máximo ser dolorosa ou agradável, ter uma influência sobre a vontade [...]. Para que exista intuição, ou seja, para que tomemos conhecimento de um objeto, é necessário, em primeiro lugar, que nossa inteligência relacione cada impressão que nosso corpo recebe a uma causa, que ela transporte essa causa para um lugar do espaço de onde parte o efeito experimentado e que, assim, ela reconheça a causa como efetiva, como real, como um representação do mesmo tipo que nosso próprio corpo”. (Ibidem, p.148).

espaço e causalidade), que são como uma “espécie de ‘óculos intelectuais’ para se conhecer as coisas, vê-las tais quais aparecem, ou seja, de um exato jeito e não de outro, situadas num dado espaço, num dado tempo, envolvidas pela causalidade”⁹. Assim, o entendimento por intermédio dos dados fornecidos pelos nossos sentidos:

[...] intui os objetos, como que fabrica em sua função de artesão do mundo externo, ao considerar os dados sensórios como um efeito, daí localizar sua causa e situá-la no espaço como uma figura, um objeto empírico¹⁰.

O entendimento por si mesmo não seria capaz de transmitir ao sujeito cognoscente a imagem acabada dos diversos objetos da realidade exterior do mundo, as representações intuitivas que abrangem todo o mundo visível. Consequentemente, o entendimento jamais seria usado se não houvesse algo mais de onde ele partisse. Esse algo a mais é, para Schopenhauer, as sensações provocadas pelos nossos sentidos, ou seja, a consciência imediata das mudanças do nosso corpo.

É por intermédio do corpo que o processo cognitivo se complementa e, com isso, obtemos o conhecimento objetivo do mundo, uma vez que, o ato do entendimento se dá precisamente quando este recebe os estímulos provocados pelo corpo, apenas quando o corpo sofre alguma causa vinda de fora (exterior) é que o entendimento é acionado. Na visão de Schopenhauer, o corpo é:

[...] aquela representação que constitui para o sujeito o ponto de partida do conhecimento, na medida em que ela mesma, com suas mudanças conhecidas imediatamente, precede o uso da causalidade e assim fornece a este os primeiros dados¹¹.

⁹ BARBOZA, Jair. *Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo*. São Paulo: Moderna, 1997, p. 30.

¹⁰ Idem, 2003, p. 8.

¹¹ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução: Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005, p. 62-63.

O mundo como representação se dá de forma clara aos sentidos do nosso corpo e ao nosso entendimento, e assim, o sujeito cognoscente “produz, como um reflexo seu, o mundo das representações, incluindo aí a representação de si mesmo, mas visto de dentro ele é uma realidade absoluta”¹². Entretanto, o mundo no seu aspecto representativo não esgota todo seu ser, como se este fosse a sua única realidade. Pelo contrário, este é somente o seu lado exterior, já que para Schopenhauer, existe outro aspecto completamente distinto deste, ou seja, o mundo como Vontade, essência íntima de todo fenômeno.

2. O duplo conhecimento do corpo e o procedimento analógico

No que diz respeito ao âmbito das representações, o corpo é como os demais objetos do mundo, uma vez que Schopenhauer considera todo tipo de objeto existente, até mesmo o próprio corpo, apenas como representação. No entanto, é por intermédio do corpo que o homem se faz presente no mundo, percebe a si mesmo como um ser material. Por isso, o corpo tem uma importante função tanto no processo cognitivo do mundo enquanto representação, como na descoberta do seu aspecto essencial, isto é, do mundo como Vontade.

Na filosofia schopenhaueriana, o corpo é dado de duas maneiras distintas uma da outra: de um lado, como sendo um objeto entre os outros objetos; e de outro, como aquilo que cada um conhece imediatamente como vontade. Ora, o corpo é para cada um de nós a coisa mais real que existe, pois além de percebermos a nós mesmos como objeto, um ser material, um fenômeno em meio aos outros, nós nos percebemos (através da experiência interior) como um ser de desejos, de paixões, impulsionado por diversos motivos, que age, que se move. Em outros termos, temos conhecimento da nossa vontade, e tal conhecimento está inteiramente ligado ao conhecimento do nosso próprio corpo e, assim, “na medida em que conheço minha vontade propriamente dita como objeto, conheço-a como corpo”¹³.

É na experiência interior do corpo que o homem vivencia o que o mundo é para além do âmbito representativo, mas não o corpo visto de fora, como um

¹² SIMMEL, Georg. *Schopenhauer e Nietzsche*. Tradução: César Benjamim. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011, p. 37.

¹³ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução: Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005, p. 159.

objeto situado no tempo e no espaço, mas enquanto *objetividade da vontade*¹⁴. Portanto, é através da experiência interior que o homem tem acesso à realidade essencial do mundo, diferentemente do seu aspecto representativo, como nos esclarece Rüdiger Safranski:

E este ponto se encontra dentro de mim mesmo: quando vejo meu corpo, quando observo suas ações e as explico para mim mesmo, todo o percebido e todo o conhecido ainda são apenas representações; mas aqui, em meu próprio corpo, eu percebo ao mesmo tempo os impulsos, os desejos, a dor e o prazer, tudo aquilo que se apresenta de forma simultânea com as ações de meu corpo, minhas representações e as representações dos demais. Somente dentro de mim mesmo eu sou semelhante àquilo que se mostra a mim (e aos outros) por meio da representação e que, durante esse processo, se presta à reflexão. Somente dentro de mim mesmo existe simultaneamente este duplo mundo, com duas partes semelhantes, uma anterior e outro posterior. Somente em mim mesmo posso vivenciar o mundo tal qual ele é, exteriormente àquilo que me é dado como representação. O mundo “de fora” tem em mim um lado “de dentro” representado somente em meu próprio interior; e apenas quando estou dentro de mim mesmo é que eu mesmo sou este interior. Eu sou a parte interior do mundo. Eu sou o que o mundo é, salvo enquanto o mundo é apenas representação¹⁵.

O homem não alcança o conhecimento da essência do mundo seguindo a via da causalidade e, conseqüentemente, pelo auxílio do princípio de razão. Mas é através do seu próprio corpo que ele descobre que não é apenas uma representação, mas ele também é vontade, pois, para Schopenhauer: “não se pode alcançá-lo a partir da representação, seguindo o fio condutor das leis que meramente ligam objetos, representações entre si, que são as figuras do princípio de razão”¹⁶. Tal conhecimento também não é obtido por meio de uma

¹⁴ “Esse conceito significa o corpo tomado como matriz da vontade, a qual é sentida na consciência como o núcleo mais íntimo de cada um”. (BARBOZA, 1997, p. 46). Como Também: “indica o corpo humano como um cruzamento privilegiado entre subjetividade e objetividade, a partir do qual se tem acesso ao interior das objetividades, ou seja, dos outros corpos”. (Ibidem, p. 46).

¹⁵ SAFRANSKI, Rüdiger. *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia*. Tradução: William Lagos. São Paulo: Geração Editorial, 2011, p. 366-367.

¹⁶ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução: Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005, p. 155.

intuição intelectual ou pela razão humana. Neste caso, o homem, enquanto sujeito cognoscente, não transpõe o conhecimento das meras representações, dos fenômenos exteriores do mundo, pois aquilo que se encontra diante dele como fenômeno, objeto, se mostra apenas pela “ordem relativa de seu aparecimento no espaço e no tempo, sem nos permitir conhecer mais concretamente aquilo que aparece”¹⁷.

Dessa maneira, é somente pela experiência interior percebida no próprio corpo que o homem alcança o conhecimento daquilo que o mundo é *em-si*. Com isso, se conclui “que DE FORA jamais se chega à essência das coisas. Por mais que se investigue, obtêm-se tão-somente imagens e nomes”¹⁸. Assim, o corpo não é apenas a condição, a base do conhecimento intuitivo do mundo, mas também é o ponto privilegiado onde a realidade essencial do mundo como Vontade, torna-se acessível ao homem.

O duplo conhecimento que o corpo proporciona nos fornece uma chave que nos leva à essência íntima de todos os fenômenos da natureza, revelando ao homem que o mundo não se restringe apenas ao campo representativo, mas que para além de cada fenômeno, objeto do mundo, desde os mais simples minerais até as mais complexas e organizadas estruturas da natureza e da vida, há um Ser que se encontra fora do tempo e do espaço (assim como de toda causalidade), de onde todos os fenômenos existentes, inclusive o próprio homem, se originam. Este Ser é aquilo que Schopenhauer designou como sendo a Vontade.

Segundo Schopenhauer, não é apenas no corpo humano que existe esta dupla dimensão (representação e Vontade), mas em cada fenômeno particular do mundo. Schopenhauer chega a esta conclusão pelo auxílio do *procedimento analógico*, do qual nos declara que além do nosso próprio corpo, os demais seres e objetos do mundo também possuem esta dupla dimensão. Logo, todos os objetos que não são dados de modo duplo, mas somente como representações, serão vistos em analogia com o nosso próprio corpo, já que para Schopenhauer:

Somente através da comparação como o que sucede dentro de mim quando executo uma ação e do modo como esta se produz a partir de um motivo, posso entender também, em função de uma analogia, como

¹⁷ Ibidem, p. 155.

¹⁸ Ibidem, p. 156.

também os corpos inanimados (*totden Körper*) se modificam a partir de causas iniciais e qual seja sua essência interior [...]. Posso entender isso porque em mim mesmo, isto é, porque meu corpo animado, é a única coisa de que conheço a dimensão interior, esse “segundo lado” (*zweite Seite*) a que denominei *Vontade*¹⁹.

Mostra-se, na filosofia de Schopenhauer, que não é seguindo o fio condutor da causalidade (que se revela exclusivamente objetiva), que alcançamos o conhecimento essencial dos fenômenos do mundo, pois, se caso seguíssemos por este caminho, apenas defrontaríamos com outros fenômenos (representações), sem com isso transpormos as meras relações de causa e efeito, já determinadas pelo princípio de razão. Porém, é pela via *corpórea-subjetiva*²⁰ que o homem pode alcançar o núcleo dos fenômenos em geral, ou seja, a realidade *em-si* dos objetos empíricos do mundo:

Ora, se os outros corpos não diferem do nosso, já que também obedecem à causalidade, são aparências submetidas à mesma lei, podem, por analogia, ser “observados” de dentro; é como se todos os homens tivessem a capacidade de penetrar secretamente, por traição, uma fortaleza proibida. Ou seja, o homem pode observar, em seu corpo, o íntimo da causalidade, a vontade e, em seguida, por analogia, concluir que ela é o núcleo de qualquer outra causalidade, isto é, de qualquer outro corpo, aparência, fenômeno²¹.

Para Schopenhauer, é pela intermediação do corpo que o homem tem consciência de que ele é vontade, um querer essencial, um *em-si*; e esta consciência percebida interiormente leva-o a reconhecer também (pelo procedimento analógico) que ele não é o único ser no mundo onde reside esta

¹⁹ SCHOPENHAUER, Arthur, apud: SANFRASKI, Rüdiger. *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia*. Tradução: William Lagos. São Paulo: Geração Editorial, 2011, p. 376.

²⁰ “[...] a via corpórea-subjetiva, pensa Schopenhauer, é que nos conduzirá ao núcleo dos outros corpos em geral, os quais, semelhantes ao nosso, podem também ter por núcleo aquilo que aparece na autoconsciência de cada um como vontade, que é sentida como o mais íntimo do corpo e se manifesta nas exteriorizações de nossas ações quando mexemos os braços, as pernas, os olhos, a cabeça etc.” (BARBOZA, 1997, p. 46).

²¹ *Ibidem*, p. 48.

dupla dimensão, porém, todo e qualquer fenômeno deste mundo comporta em si esta dupla acepção. O mundo antes visto somente pelo prisma da representação passa agora a ser considerado também como Vontade. É justamente neste segundo aspecto do mundo, que Schopenhauer desenvolve sua concepção filosófica sobre a Metafísica da Vontade.

3. A Vontade como essência íntima de cada fenômeno do mundo

É no segundo livro de *O mundo como vontade e como representação*, que Schopenhauer desenvolve a sua Metafísica da Vontade, onde nos apresenta suas ideias com relação ao mundo para além do aspecto representativo, não mais visto como uma mera aparência, um objeto para o sujeito cognoscente, mas o mundo entendido enquanto Vontade, no seu aspecto mais íntimo, de onde todos os fenômenos existentes emanam. Mas, o que constitui exatamente essa Vontade na filosofia de Schopenhauer? A Vontade concebida por Schopenhauer não deve ser compreendida como uma vontade, um desejo singular e consciente do indivíduo, mas sim como um *princípio metafísico* universal, presente em cada ser particular do mundo, inclusive no próprio ser do homem. Noutras palavras, a Vontade é uma força imanente, um ímpeto cego, um esforço constante sem qualquer objetivo ou finalidade pela existência, como um anseio ávido de vida.

De acordo com Schopenhauer, a Vontade se configura como a realidade essencial do mundo, é o princípio pelo qual “se tem todo objeto, fenômeno, visibilidade, OBJETIDADE. Ela é o mais íntimo, o núcleo de cada particular, bem como do todo”²². Com efeito, é a partir dessa concepção que assimilaremos melhor o *procedimento analógico* empregado por Schopenhauer, que não apenas identifica no corpo humano este princípio metafísico, mas em todo objeto do mundo, desde as coisas mais elementares e simples às mais complexas e organizadas estruturas da natureza. Assim:

Reconhecerá a mesma vontade como essência mais íntima não apenas dos fenômenos inteiramente semelhantes ao seu, ou seja, homens e animais, porém, a reflexão continuada o levará a reconhecer que também a força que vegeta e palpita na planta, sim, a força que forma o

²² SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução: Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005, p. 168-169.

crystal, que gira a agulha magnética para o pólo norte, que irrompe do choque de dois metais heterogêneos, que aparece nas afinidades elétricas dos materiais com atração e repulsão, sim, a própria gravidade que atua poderosamente em toda matéria, atraindo a pedra para a terra e a terra para o sol, - tudo isso é diferente apenas no fenômeno, mas conforme sua essência em si é para se reconhecer como aquilo conhecido imediatamente de maneira tão íntima e melhor que qualquer outra coisa e que, onde aparece do modo mais nítido, chama-se VONTADE²³.

A Vontade como princípio metafísico não deve ser entendida como mais um dos objetos da apreensão humana, já que tudo aquilo que pertence ao mundo, em sua totalidade, é apenas fenômeno da Vontade e não ela mesma. Isso significa dizer, que a própria Vontade é distinta dos fenômenos que compõem o mundo, que as leis que regem este mundo de representações e de coisas percíveis diferem completamente do seu Ser, daquilo que ela é em sua essência.

Logo, a Vontade está isenta das formas essenciais dos objetos, isto é, tempo, espaço e causalidade não possuem nenhum significado em referência ao seu Ser; ela encontra-se fora do tempo e do espaço, como também de toda causalidade. Apesar dos seus diversos fenômenos serem concebidos somente pelas determinações do tempo e do espaço, a Vontade, por sua vez, deve ser pensada independente dessas determinações das quais os fenômenos estão submetidos. Isso implica dizer que “a Vontade é una como aquilo que se encontra fora do tempo e do espaço, exterior ao *principio individuationis*, isto é, da possibilidade da pluralidade”²⁴.

A pluralidade das coisas, dos inúmeros fenômenos empíricos existente no mundo, só é possível no tempo e no espaço, porque nossas representações só podem conter a multiplicidade dos seres dentro de um determinado espaço, numa sucessão do tempo. Schopenhauer nos ressalta, que a pluralidade, a individualidade e todos os tipos de variações que estamos em contato por meio da experiência, dizem respeito apenas aos fenômenos, às representações construídas por nosso intelecto (entendimento).

²³ Ibidem, p. 168.

²⁴ Ibidem, p. 172.

Por conseguinte, aquilo que está para além do aspecto representativo, o mundo na sua unidade absoluta, não pode conter ou possuir tais determinações, pois a Vontade é livre de todas as *formas a priori* do conhecimento. “Até a forma mais universal de toda representação, ser objeto para um sujeito, não lhe concerne, muito menos as formas subordinadas àquela e que têm sua expressão comum no princípio de razão [...]”²⁵.

Em suma, a Vontade é concebida por Schopenhauer como a essência íntima de cada fenômeno, ela está presente no todo, encontra-se una e indivisa em cada parte, seja numa pedra, numa planta ou num ser vivo. Não importa do que é composto um determinado fenômeno, seja um simples mineral ou a biodiversidade inteira de um país, onde há vida e matéria, a Vontade está presente, porque “esse absoluto real é o essencial de todas aquelas singularidades múltiplas, sua unidade, considerada do ponto de vista da realidade propriamente dita, abarca plenamente a totalidade do mundo”²⁶. Ela se manifesta em cada ser particular do mundo, nos diferentes reinos da natureza, pelas sucessivas e crescentes etapas dos graus de suas objetivações.

5. A autodiscordância essencial da Vontade

Esse conflito existente na natureza é apenas a manifestação da autodiscordância essencial da Vontade consigo mesma, já que cada grau de objetivação se caracteriza pela disputa que os fenômenos travam uns com os outros por matéria, espaço e tempo. Schopenhauer reconhece em toda parte da natureza um conflito, uma guerra perpétua pela existência, onde a visibilidade mais explícita dessa luta sucede exatamente entre os animais.

Cada animal na natureza torna-se presa e alimento de outro (que também tem como alimento o reino dos vegetais), pois os animais em geral só podem alcançar e garantir a sua existência pela supressão de outro. É acerca dessa consideração que Schopenhauer reforça ainda mais a ideia de que tal conflito é a manifestação da discórdia essencial da *Vontade de vida*²⁷, que:

²⁵ Ibidem, p. 171.

²⁶ SIMMEL, Georg. *Schopenhauer e Nietzsche*. Tradução: César Benjamim. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011, p. 34.

²⁷ “Por isso denominamos o mundo fenomênico seu espelho, sua objetividade; e, como o que a Vontade sempre quer é a vida, precisamente porque esta nada é senão a exposição daquele querer para a representação, é indiferente e tão-somente um pleonasmo se, em vez de simplesmente dizermos “a Vontade”, dizermos “a Vontade de vida””. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 357-358).

[...] crava continuamente os dentes na própria carne e em diferentes figuras é seu próprio alimento, até que, por fim, o gênero humano, que por dominar todas as demais espécies, vê a natureza como instrumento de uso²⁸.

A Vontade, em todos os graus de suas manifestações, carece inteiramente de um fim último, de um propósito; ela é, como já destacamos, um ímpeto cego, um esforço constante, “porque o esforço é sua única essência, ao qual nenhum fim alcançado põe um término, pelo que ela não é capaz de nenhuma satisfação final, só obstáculos podendo detê-la, porém em si mesma indo ao infinito”²⁹.

Conforme Schopenhauer, a Vontade como unidade absoluta, não pode aplacar sua sede contínua nos fenômenos do mundo, uma vez que ela nunca se depara com aquilo que não seja ela mesma e, assim, só pode consumir a si mesma. “Isso determina que as distintas manifestações, que a dividem, destruam as vontades recíprocas: uma tem de viver à custa da outra”³⁰. Logo, aquilo que constatamos na natureza em geral, os seus infindáveis conflitos, nos revela apenas o eterno *vir-a-ser*, o fluxo sem fim das manifestações essenciais da Vontade, visto que, tudo que ela é e *quer*, é por completo o mundo, a vida, tal como esta existe.

No entanto, estes conflitos não ocorrem somente na vida animal, mas estão presentes já nos graus mais inferiores e baixos das objetivações da Vontade, desde o reino inorgânico. É justamente do embate entre os graus mais inferiores que surgem os mais elevados, como nos enfatiza Schopenhauer:

Isso porque se trata de uma Vontade UNA a objetivar-se em todas as Idéias, e que, aqui, ao esforçar-se pela objetivação mais elevada possível, renuncia aos graus mais baixos de seu fenômeno, após um conflito entre

²⁸ Ibidem, p. 211.

²⁹ Ibidem, p. 398.

³⁰ SIMMEL, Georg. *Schopenhauer e Nietzsche*. Tradução: César Benjamim. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011, p. 65.

eles, para assim aparecer num grau mais elevado e tanto mais poderoso³¹.

É precisamente através dessa sequência crescente de graus, objetivando-se cada vez mais nitidamente, que a Vontade alcança a mais distinta e perfeita de suas objetivações, o homem. Os caminhos seguidos pela Vontade, nos quais transpõem da matéria bruta e inanimada até os seres vivos mais bem adaptados, se complementam, pois a *Ideia de homem* não se expõe de forma isolada desta sequência pela qual a Vontade perpassa. Mesmo que no homem, como *Ideia platônica*, a Vontade tenha encontrado sua plena e perfeita objetivação, “esta sozinha não poderia expressar a sua essência”³².

Todos estes estágios que a Vontade percorre entre os reinos existentes na natureza, formam uma espécie de pirâmide, cujo ápice é o homem, o tipo supremo da vida animal. É somente no ser humano que a Vontade pode alcançar a consciência de si, o conhecimento claro de sua própria essência, aquilo pelo qual ela espelha em todo mundo, pois é no intelecto humano onde estão presentes tanto a intuição como a inteligência, e somado a estas, a razão.

Considerações finais

Através da Metafísica da Vontade, Schopenhauer nos demonstra que o mundo não é regido e ordenado por um princípio racional³³, mas sim pela Vontade, um ímpeto cego e irracional, destituída de consciência, sem qualquer finalidade ou propósito. Na filosofia schopenhaueriana, a Vontade não possui em si nenhum fundamento ou sentido, ela se caracteriza como um esforço interminável, um fluxo sem fim pela existência, onde em nenhuma parte do mundo fenomênico encontra repouso e plena satisfação. Noutros termos, a Vontade é um constante estado de insatisfação e de inquietude, ou seja, um eterno *vir-a-ser*, no qual nunca cessa de querer.

³¹ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução: Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005, p. 210.

³² *Ibidem*, p. 218.

³³ “Pela primeira vez questiona-se a convicção de que a racionalidade é o fundamento do mundo e, com isso, do homem como aquela criatura na qual se espelha a razão do mundo: a essência do mundo não é o *lógos* dos gregos, nem a *idéia* (Platão), nem a razão que forma a matéria (Aristóteles), nem o espírito absoluto (Hegel), mas a vontade, uma vontade original cega, impulsiva, animal e agressiva. É a vontade de viver, da autoconservação que impulsiona tanto a natureza como a história”. (ZILLES, 2005, p. 91).

O mundo no qual habitamos e vivemos é visibilidade, objetividade desta Vontade; tudo que faz parte deste mundo se dá como fenômeno da Vontade. Assim, a natureza em sua amplitude, se revela como um reflexo do próprio estado desse ímpeto cego e desse esforço dinâmico que constitui a Vontade. Em consequência disso, a natureza com os seus infindáveis conflitos e suas incessantes lutas, travadas entre as espécies do mundo animal, nada mais são do que a manifestação da autodiscordância essencial da Vontade consiga mesma, que não cansa de cravar continuamente os dentes na própria carne.

Segundo Schopenhauer, são estes conflitos que sustentam a vida, o ciclo vital da existência das espécies, pois o que movimenta e impulsiona o mundo natural não é uma harmonia generalizada e pacífica entre os incontáveis seres, mas um combate, uma guerra perpétua de vida e morte. Schopenhauer, por meio da Metafísica da Vontade, não intenciona somente em nos demonstrar que todos esses embates travados entre as espécies dizem respeito apenas à discordância essencial da Vontade em si, mas que essa luta universal nos revela também o caráter sofredor e angustiante da *Vontade de vida* no mundo.

REFERÊNCIAS

BARBOZA, Jair. **Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo**. São Paulo: Moderna, 1997. (Coleção logos).

BOSSERT, Adolphe. **Introdução à Schopenhauer**. Tradução: Regina Schöpke e Mauro Baladi. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia**. Tradução: William Lagos. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Tradução: Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.

_____. **Metafísica do Belo**. Tradução: Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SIMMEL, Georg. **Schopenhauer e Nietzsche**. Tradução: César Benjamim. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

ZILLES, Urbano. **Teoria do conhecimento e teoria da ciência**. São Paulo: Paulus, 2005. (Coleção Filosofia)